

Em tempo de seca no Nordeste, o Brasil se volta ao drama das famílias famintas, sedentas e maltrapilhas que mais uma vez ilustram documentários jornalísticos no Brasil e no mundo.

Neste momento, são muitas as críticas, é grande a indignação e é triste assistir às declarações do presidente Fernando Henrique, que entre outras besteiras, disse que "é muito feio" as pessoas opinarem sobre essa seca, julgando que essas pessoas só querem aparecer. Estas, entre outras declarações, como "aposentado é vagabundo" faz com que este presidente passe para o folclore da política brasileira.

Ora, opinião tem a ver com democracia, e mesmo que a opinião esteja equivocada ou tendenciosa — o que não foi o caso, ela deve ser analisada, discutida, esclarecida. E não rebatida com sofismas que doem a alma dos ouvintes pensantes e interessados em uma sociedade mais justa e igualitária.

Os saques e as manifestações ocorridas no Nordeste, trouxeram à tona o desleixo e a irresponsabilidade deste governo que prometeu, na campanha de 1994, transpor as águas do Rio São Francisco, através de um canal artificial, para os Estados situados acima de suas margens.

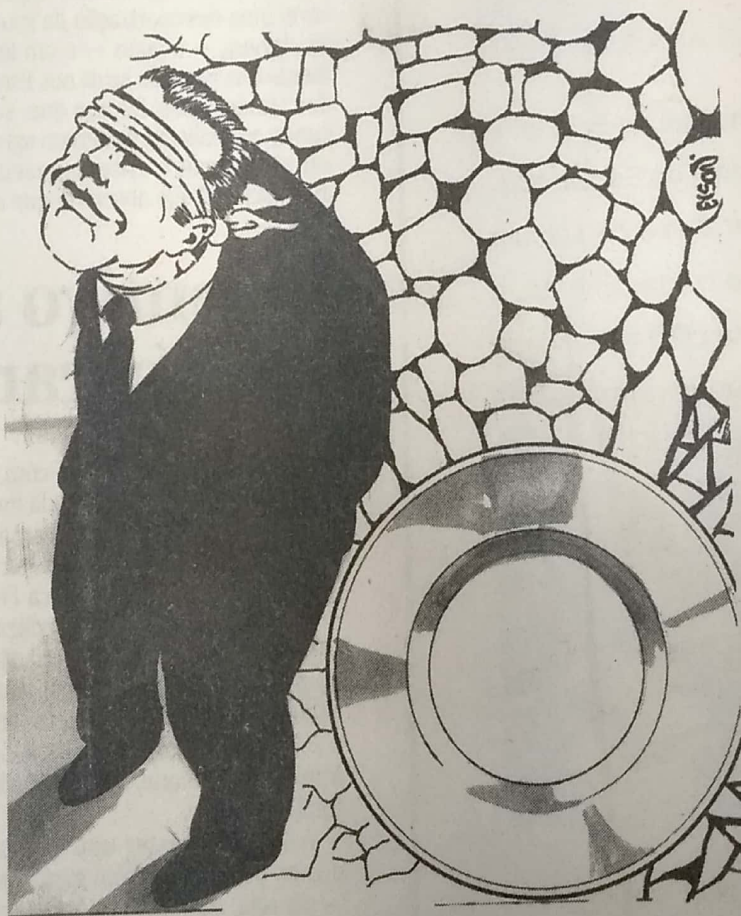
Em Quixeramobim, no Ceará, o prefeito Cirilo Pimenta, que é do PSDB, registrou um prejuízo de R\$ 12 milhões neste ano, além de cerca de 10 mil desempregados. Ao todo, são 15 mil desempregados, só no Ceará. Queda nas safras de leite, feijão, milho, algodão e frutas tropicais produzidas na região e colapso no abastecimento de água revelam a falta de interesse do governo federal em resolver os mais básicos problemas dos brasileiros.

Agora Fernando Henrique clama por solidariedade.

A Universidade Federal da Paraíba constatou o aumento médio de 35% no número de crianças, entre 0 e 5 anos, com desnutrição gravíssima, de segundo e terceiro graus, quase irreversíveis.

DESEMPREGO E EXCLUSÃO SOCIAL

Luis Cesar Bueno



Por todo o Brasil há exemplos de miséria, é bem verdade. Mas a localização geográfica das outras regiões do País favorece o mascaramento da falta de solidariedade do presidente, que não conversa com trabalhadores, que não sai do imediatismo na execução da Reforma Agrária, que segue um modelo ineficiente e centralizador. O próprio presidente do Incra, doutor Milton Seligman afirma que apenas executa, não fomenta, não planeja a Reforma Agrária.

O valor do salário mínimo, a volta de doenças de submundo, já erradicadas no Brasil, a incapacidade do sistema em abrigar os doentes e resolver seus problemas, a crise fiscal vivida no setor econômico e as diversas viagens amistosas de Fernando Henrique ao exterior, também revelam a sua falta de solidariedade com os brasileiros.

O neoliberalismo está nos levando de volta à barbárie.

A PM da Paraíba, imbuída de evitar que trabalhadores rurais saqueiem depósitos de merenda

escolar nas áreas atingidas pela seca, está apostando em assistência social e contatando entidades filantrópicas, clubes de serviço, prefeitos e autoridades para pedir distribuição de alimentos, evitando assim o "enfrentamento aos famintos". O tenente-coronel João Batista de Lima, chefe de gabinete do comando-geral da PM paraibana, tem orientado os PMs "a agir com calma e precaução". Assistimos hoje, o Brasil, ao aportar no século XXI, ser comparado com os países de povos famintos como os da África e da Ásia, onde pessoas esfomeadas lutam por um prato de comida.

Será que precisamos mesmo de solidariedade?

Agora sim, sejamos solidários. Mas precisamos mesmo é de consciência histórica. São séculos e séculos de seca no Nordeste. As imagens se repetem. Políticos se beneficiam através dos programas de governo criados para solucionar o problema. Na última seca grave, em 1993 foi divulgada uma lista de políticos favorecidos com perfurações de poços artesianos pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. Segundo matéria na Folha de S. Paulo, nenhum deles foi punido. Nada de construção de açudes, represas e canais de irrigação. Somente surgem os órgãos governamentais e projetos.

O pacto de complementariedade entre as pessoas, pelo qual o sociólogo presidente clama, não pode significar cumplicidade no genocídio que a atual política promove no Nordeste. Precisamos mudanças, chega de conservadorismo.

Por todo o Brasil, nas cidades, nos campos, encontramos rostos envelhecidos precocemente, crianças desnutridas e abandonadas, trabalhadores explorados, em condições subumanas. Gente como a gente.

Acorda, Brasil!

LUIS CESAR BUENO
VEREADOR E PRESIDENTE
PT EM GOIÂNIA